

Resenha

SMITH, Wolfgang. *Cosmos e transcendência: rompendo a barreira da crença positivista*. Tradução de Percival de Carvalho. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

Fábio Augusto Guzzo
Instituto Federal Catarinense, Brasil

Informações do artigo

Submetido em 09/09/2022

Aprovado em 23/11/2022

Publicado em 22/12/2022.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2022.v22n3.p152-159>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Estamos diante de um livro peculiar: um cientista – físico e matemático de formação, com pesquisas nas áreas de aerodinâmica e campos de difusão, ex-professor do MIT e da Universidade da Califórnia – questionando a ciência. Além disso, invocando a religião e a metafísica como instrumentos necessários para a compreensão correta da realidade. Um livro sobretudo interessante para a pessoa que, desorientada, tenta viver sua religião numa sociedade cada vez mais laica. Que sentido faz, em pleno século XXI, crer nos milagres, na vida eterna, na ressurreição de Cristo?

Em seu livro *Cosmos e Transcendência: rompendo a barreira da crença científicista*, Wolfgang Smith empreende uma crítica ao que ele chama de mundo moderno, ou seja, à visão de mundo formulada a partir da Revolução Científica. Ao expor as debilidades da cosmovisão moderna, Smith pretende recuperar a validade das tradições religiosas e filosóficas, justificando, assim, uma alternativa ao cientificismo reinante. O autor analisa os alicerces que a física, a biologia e a psicologia construíram ao longo de cinco séculos: haveria uma lógica interligando os ensinamentos de Descartes, Newton, Darwin, Freud e Jung e que chega até nós como visão de mundo: percebemos a realidade através dos conceitos elaborados por tais pensadores.

No primeiro capítulo – “A ideia do universo físico” – se encontra a chave para compreendermos a *Weltanschauung* científica: o conceito de bifurcação. De acordo com os fundadores da ciência moderna, Descartes e Galileu, há uma distinção entre qualidades primárias, que podem ser descritas em termos

matemáticos, e as qualidades secundárias, os aspectos qualitativos que constituem o mundo da experiência humana comum. A birurcação considera real o universo físico matematizável, relegando ao meramente subjetivo a experiência cotidiana. Posto que o universo físico não pode ser diretamente percebido com nossas faculdades naturais, resta ao cientista que domina o instrumental matemático desvendá-lo.

O segundo capítulo – “O dilema cartesiano” – esclarece outros dois fundamentos do mundo moderno: o platonismo e o mecanicismo. A redescoberta do platonismo envolveu, dentre outros, Copérnico e Kepler, que viam na matemática o instrumento adequado para compreender o mundo celeste. Com Galileu o platonismo fixou-se no mundo terrestre, somando-se a ele o mecanicismo: a ideia de que o universo funciona como uma máquina, ou seja, de que o movimento do todo é determinado pelo movimento das partes. Descartes, por sua vez, deu o acabamento teórico para a nova ciência. Ao mecanicismo ele adicionou a distinção entre *res extensa* e *res cogitans*: se o mecanicismo funciona para as quantidades, mas não para as qualidades, essas devem ser expulsas do mundo objetivo. Elas passam a existir somente no mundo mental, no mundo do espírito.

No terceiro capítulo – “Horizontes perdidos” – Smith introduz ao leitor a cosmovisão cristã. Fundamentalmente, o cristianismo vê o cosmos como uma teofania, ou seja, a manifestação de um Deus que é ao mesmo tempo transcendente e imanente. A teofania cristã baseia-se na doutrina do Logos: a inteligência divina revela-se nas suas criaturas. Em oposição à cosmovisão cientificista, segundo a qual o vulgo simplesmente não tem os meios adequados para conceber a realidade - o universo físico matematizável -, Smith assinala que a cosmovisão tradicional abarcava todas as camadas sociais: “Muito além de ser apenas matéria de especulação para teólogos, a noção de teofania cósmica estava implícita em uma *Weltanschauung* cristã comum, de que em alguma medida podiam todos participar, desde doutores eruditos até o mais humilde camponês”. (2019: 64).

O leitor perceberá que muitos dos elementos da cosmovisão tradicional – por exemplo, a relação entre o momento presente e a eternidade – sobreviveram à revolução científica moderna. Encontramos os temas daquela cosmovisão em muitos livros e filmes, contudo, tomando a forma de auto-ajuda ou esoterismo

oriental, eles não mais nos remetem à sua origem histórica. O livro de Smith, nesse ponto, começa a revelar seu significado cultural e psicológico: ele ajuda-nos a conhecer a fonte intelectual da fé cristã.

O quarto capítulo – “Evolução: fato e fantasia” – explora a fundamentação que a cosmovisão cientificista recebeu da biologia de Darwin. O autor identifica o darwinismo com a defesa da hipótese transformista: “a proposição de que uma espécie pode transformar-se em outra” (2019: 91). O objetivo do capítulo consiste, basicamente, em sustentar que a hipótese transformista não tem base em fatos observáveis. Para isso, Smith aborda a paleontologia e a embriologia, por exemplo, que não forneceria evidência alguma para a evolução das espécies. Vários evolucionistas reconheceram a ausência de evidências empíricas para a teoria. Além do mais, as descobertas dos genes, da hereditariedade, das mutações e do ADN teriam evidenciado a estabilidade das formas vivas, e não sua evolução. Apesar disso, a fama do darwinismo apenas aumentou, tornando-se – nas palavras do evolucionista W. C. Dampier – uma filosofia e quase uma religião.

Segundo Smith, a sobrevivência do darwinismo deve-se menos à sua cientificidade do que à sua compatibilidade com a concepção newtoniana: num universo mecânico fechado simplesmente não há espaço para o conceito de criação. Contudo, a física contemporânea não mais sustenta a hipótese mecanicista, e há motivos para rejeitá-la também no domínio biológico. Sabemos, por exemplo, que o código genético inscreve-se no núcleo de cada célula: “aqui já não é o todo que se deriva das partes, mas sim as partes que derivam sua existência (como partes) do todo”. (2019: 121).

Smith dedica o final do capítulo ao “mistério do organismo vivo”. Contrariando o darwinismo, afirma-se que a ordem não pode surgir da desordem. As formas vivas originam-se do Logos divino e revelam-se nas criaturas. A noção de teofania, abordada no capítulo terceiro, volta à tona e começamos a perceber a maneira pela qual a sabedoria tradicional demonstra sua capacidade de transcender e complementar a ciência moderna. O conceito de criação não pode ser explicado da perspectiva de um universo fechado, pois é um ato que está fora do tempo: “[p]ortanto, não existe na realidade nenhum conflito entre a posição de que as espécies foram criadas em simultâneo - “todas de uma vez” - e a visão aparentemente contraditória de que foram trazidas à existência em

sucessão, em certa sequência temporal.” (2019: 123). De uma perspectiva teológica, a análise do darwinismo merece especial atenção, visto ser ele o mais perigoso dos mitos modernos (cf. SMITH 2001).

Se, para Darwin, a ordem surgiu da desordem, para Freud – cuja psicologia é analisada no capítulo “O ego e a besta” – a mentalidade humana evoluiu desde o irracional até o racional. Do id, um feixe de tensões fechado em si mesmo, emerge o ego, a ponte entre o id e o mundo externo. Cabe notar que a camada irracional seria a mais genuína, sendo o ego “uma espécie de fachada” (2019:133). Tal concepção da consciência vai de encontro à psicologia cristã, para a qual a essência do nosso ser, a alma, é uma imagem de Deus. Freud, desse modo, reforça ainda mais a visão de mundo preparada por Descartes, Newton e Darwin.

Algumas páginas são devotadas para contestar a cientificidade da psicanálise freudiana. Freud via sua teoria como o tiro de misericórdia na *Weltanschauung* religiosa. Ecoando Comte, ele disse: “[s]uas [as da religião] doutrinas trazem a marca dos tempos em que surgiram – os tempos da insciente infância da humanidade. Seus consolos não merecem confiança” (2019: 145). Smith vê a psicanálise como um “programa de desconversão”. Sob roupagem científica, os conceitos de Freud irromperam no senso comum por meio das escolas e da mídia, por exemplo. É assim que os vivos são governados por filósofos mortos: hoje, “numerosos conceitos freudianos acharam seu canto na consciência popular – por exemplo, as ideias de que a cultura é intrinsecamente 'repressiva' e portanto má, que a moralidade é convencional e a crença religiosa uma ilusão, e que no fundo o princípio do prazer reina soberano” (2019: 146). Hoje, o homem religioso, que buscava a salvação da alma, deu lugar ao homem psicológico, que busca o prazer.

O sexto capítulo – “A deificação do inconsciente” – continua a analisar a psicologia moderna, agora sob o paradigma junguiano. Ainda que rompido com seu mestre, Jung é um continuador da “missão cultural” empreendida por seu mestre. A camada mais profunda da psique é o inconsciente coletivo, que tem como conteúdo inúmeros arquétipos, uma linguagem de símbolos universais, tais como: sombra, anima, animus, o velho sábio, a grande mãe, a criança. Tais arquétipos são registros da nossa pré-história psíquica. Trata-se de um *a priori* coletivo abaixo da psique pessoal.

A religião, na psicologia junguiana, é a vivência de certos arquétipos como se fossem reais, e a crise religiosa nasce da dissociação entre o indivíduo e a fonte espiritual da vida. A solução para essa crise seria a individuação, a harmonização dos polos opostos da psique, a integração do inconsciente na consciência: “[t]udo aquilo que o homem primitivo, na sua ignorância, cultuava como um externo panteão de deuses e espíritos passa a ser percebido como uma interior realidade psíquica: tal qual o Reino dos Céus, encontra-se 'dentro'”(2019: 169).

O ponto mais interessante do capítulo é a associação entre a psicologia de Jung e o gnosticismo: a cosmovisão segundo a qual a realidade é feita de pares de opostos. Daí nasce o ensinamento de que o bem e o mal são aspectos complementares da mesma realidade. A visão cristã, por sua vez, afirma que o mal não tem essência própria e é mera ausência do bem. Smith vê em Jung a formulação de uma teologia herética: atribuir essência ao mal é, ao final das contas, deificar Satã (cf. 2019: 177).

Ao contrário de Freud, Jung não reivindicava um caráter científico para sua teoria. Contudo, a missão cultural de substituição do cristianismo é a mesma: “o que Jung tem a oferecer é uma religião para ateístas e um misticismo para aqueles que amam a si próprios” (2019: 185). Assim como Newton e Darwin, Jung contribui para uma cosmovisão “fechada”: seus arquétipos não remetem a nenhuma realidade transcendente ao sujeito, sendo meras propensões psíquicas.

Em seu sétimo capítulo – “O 'progresso' em retrospecto” – Smith faz sua última arremetida contra o *Zeitgeist* moderno. A bifurcação entre objetividade matematizada e subjetividade ilusória nos tornou cegos para qualquer realidade que transcenda os domínios corpóreo e psicológico. Romper com a cosmovisão cientificista é readquirir a noção de uma educação verdadeira, na qual conhecemos as criaturas com os instrumentos que Deus nos concedeu. Conhecemos, assim, “um mundo onde as coisas falam a nós e tudo tem sentido” (2019: 191). Foi esse alheamento entre conhecedor e conhecido que Descartes criou com a bifurcação entre extensão e pensamento. A falta de sentido – tão bem documentada nos livros de Viktor Frankl, por exemplo – foi o corolário dessa visão de mundo.

Na esteira da revolução científica, a substituição do sistema ptolemaico pelo copernicano contribuiu para o nosso desarraigamento existencial. Smith salienta que o sistema copernicano é meramente cosmográfico; o sistema ptolemaico, ao contrário, era uma visão espiritual do mundo, na qual as coisas corpóreas simbolizavam as incorpóreas. Ou seja, a realidade era considerada em seus diversos planos hierárquicos, fornecendo uma orientação e senso de verticalidade para a vida humana¹. Junto com a cosmologia perdemos a antropologia tradicional, na qual o homem era concebido como um universo em miniatura. Assim, “deixou o homem de ser um microcosmo, um ser teomórfico postado ao centro do universo, para se tornar uma criatura puramente contingente, atribuível a tal ou qual sequência de acidentes terrestres” (2019: 201).

Smith reflete sobre as diferenças entre a arte moderna e a tradicional. Perdido o senso da transcendência, a arte caiu em subjetivismo e esteticismo. Hoje em dia arte é algo a se fazer no tempo livre, um adorno com o qual coroamos o trabalho; contudo, por muito tempo ela foi vista como ingrediente essencial para a plenitude da vida humana. O “artefato”, no sentido tradicional, “servia ao homem total, ao ser tripartite composto de corpo, alma e espírito, de maneira que até o mais humilde instrumento ou utensílio precisava possuir mais do que simples “utilidade”, no sentido contemporâneo” (2019: 204).

Tais elementos do livro de Smith servem de ocasião para uma reflexão sobre nossa cultura. Percebemos aqui a forma como a revolução científica transformou-se em revolução cultural, invadindo todos os aspectos da vida cotidiana, finalmente afetando nossa vida espiritual. Assim como o mundo não significa mais nada, as obras de arte também perderam sua verticalidade, seu significado transcendental: não foi por acaso que nossa arte tornou-se, em grande parte, apenas entretenimento produzido em escala industrial.

A “cientização da cultura” (2019: 212) começou com Bacon, inventor de uma máquina mental – o método científico – que despersionalizou a investigação da natureza, separando o conhecedor do conhecido. Perdido o senso de verticalidade, o conhecimento científico se reduz a mera técnica para manipular a natureza. O ápice da técnica é a manipulação do ser humano, tema esse de

¹ Um tratamento mais completo dos elementos da cosmologia tradicional é oferecido em SMITH 2017, servindo de complemento ao livro ora resenhado.

profunda relevância para o nosso século XXI.

O livro termina com uma interpretação do pecado original: para Smith, o fruto proibido do Éden simboliza um conhecimento fragmentário e parcial, abstraído de suas origens no Criador. Esta foi a nossa Queda: “perdemos o nosso senso de transcendência. Ou seja, tornamo-nos sofisticados, céticos e profanos. [...] achamo-nos num cosmos dessacralizado e aplanado, um universo sem sentido que atende sobretudo às nossas necessidades animais e à nossa curiosidade científica” (2019: 220).

Independentemente da correção de sua tese principal, a obra de Wolfgang Smith é valiosa pois fornece uma chave para compreendermos as relações entre filosofia, religião, ciência, cultura e psicologia. Como observado em seu livro *A sabedoria da antiga cosmologia*, hoje em dia inexistem santos intelectuais (cf. SMITH, 2017: 26). Finalizemos com uma pequena reflexão baseada nessa observação.

Para o intelectual contemporâneo, no mais das vezes a conciliação entre ciência e religião sempre se dá em prejuízo desta: ou ela reduz-se a um fideísmo (“cada um tem sua própria fé”; “se a fé me faz bem ela é válida”) ou a um código de conduta (“a religião torna a sociedade melhor”; “Jesus era um ser humano superior”). Contrariando tal tendência, Smith propõe uma desmitologização da ciência: trata-se de colocá-la em perspectiva, evidenciando o papel crucial de seus próprios mitos – os paradigmas, no sentido dado por Thomas Kuhn. Os mitos oriundos da revolução científica moderna restringiram nosso horizonte de consciência, ou seja, certas realidades tornaram-se inapreensíveis, atrofiando nossa vida espiritual. Desmitologizar a ciência significa desabsolutizar seus paradigmas².

São os mitos da sabedoria tradicional que nos instalam na realidade e podem dar sentido à nossa vida: “Tornamo-nos aquilo que acreditamos” (SMITH, 2001: 228), e a nossa vontade deve estar em harmonia com a inteligência. Talvez este seja o drama principal da pessoa religiosa: a dissociação entre aquilo que ela percebe e aquilo em que ela acredita. Recuperando a noção de teofania poderemos superar a cosmovisão científicista, segundo a qual o universo resume-se ao movimento da matéria inanimada, o todo é explicado pelas partes

² Para uma comparação mais explícita entre os mitos tradicionais e os mitos científicos, ver SMITH 2001.

e não há um sentido intrínseco para a existência humana. A sabedoria tradicional, ao contrário, nos ensina que o mundo é a manifestação do Logos divino, possibilitando assim uma fundamentação filosófica para a vida religiosa.

REFERÊNCIAS

SMITH, Wolfgang. "Science and Myth: the Hidden Connection". *Sophia: the Journal of Traditional Studies*. 7 (1). 2001. Disponível em: http://www.worldwisdom.com/public/viewpdf/default.aspx?article-title=Science_and_Myth--The_Hidden_Connection_by_Wolfgang_Smith.pdf

SMITH, Wolfgang. **A sabedoria da antiga cosmologia**. Tradução de Adriel Teixeira, Bruno Geraidine e Cristiano Gomes. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

SMITH, Wolfgang. **Cosmos e transcendência: rompendo a barreira da crença positivista**. Tradução de Percival de Carvalho. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

DADOS DOS AUTORES

Fábio Augusto Guzzo

Bacharel, licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Instituto Federal Catarinense - Campus Concórdia. *E-mail:* fabio.guzzo@ifc.edu.br